

***“UMA NOVA ETAPA EVANGELIZADORA
MARCADA PELA ALEGRIA”,***

**o desafio do bispo do Porto
para o novo ano pastoral
de 2023-24.**

Exortação Pastoral



Vamos com alegria.
Juntos por um caminho novo.

Diocese do Porto 2023 | 2024

TODA A SAGRADA ESCRITURA É A HISTÓRIA DE UM POVO, embrião de uma nova humanidade, criado por Deus para a felicidade e para a consolação que lhe advêm da experiência do convívio entre Criador e criatura, que O aceita pela fé. Mas é no Novo Testamento que mais se ressalta esse dom do contentamento e da felicidade. Aliás, a palavra “Evangelho” quer dizer, precisamente, anúncio de uma alegre notícia, boa nova de alegria. Por isso, S. Paulo viria a sintetizar as atitudes que nascem das palavras e das atitudes de Jesus na conhecida expressão: “Sede alegres na esperança” (Rm 12,12).

Que é a alegria, esse imenso valor não disponível no comércio? É um estado de alma em que a

pessoa se sente bem, entusiasmada, bem-disposta, íntegra, não dividida contra si mesma ou contra os outros. É um sentimento no qual a vida resulta menos amarga e como que se não dá conta da dureza do solo que trilhamos. É a grande vacina contra aquele pessimismo que nos leva a considerar o tempo que nos é dado viver como um dos mais difíceis da história. O que é mentira e só gera sentimentos de angústia, dúvida e desespero. Na vida pessoal e na vida da Igreja.

A tristeza é sempre paralisante: não entusiasma, não comove, não move. Encerra-nos numa concha que é o contrário da fermentação do mundo. É ficarmos fechados no Cenáculo, quando os homens e as mulheres “provenien-

tes de todas as nações que há debaixo do céu” (At 2,5) reclamam uma Palavra de salvação.

Neste sentido, opõe-se à “*alegria do Evangelho*”, exprime falta de confiança e de fé naquele Senhor que nos garantiu estar sempre connosco até ao fim dos tempos (cf. Mt 28,20) e é contrária à missão da Igreja chamada a ir e anunciar (cf. Mc 16,15). Precisamente a partir desta persuasão, no Pentecostes do Ano Santo de 1975, o Papa São Paulo VI lançou um veemente apelo sobre a necessidade de os cristãos voltarem às fontes da alegria que brota da certeza de que Deus está connosco, jamais nos abandona e nos garante um sentido para a história. Quem vive n’Ele pela fé e pelo Batismo não pode ter

outra postura que não seja a de ser um portador do sadio otimismo, um empenhado na descoberta dos aspetos positivos dos acontecimentos, enfim, um mensageiro da alegria.

A Jornada Mundial da Juventude (JMJ) Lisboa 2023 constituirá, certamente, uma explosão de alegria, de festa, de ânimo. A Igreja em geral e nós, Diocese do Porto, em particular, não podemos desperdiçar esse entusiasmo. A partir dele, construiremos uma “Igreja em saída”, um ousado dinamismo missionário, uma nova etapa evangelizadora marcada pela alegria, como refere este Plano e o Papa tanto recomenda (cf. EG 1). Neste sentido, o tempo pós-Jornada será crucial. Assim saibamos nós canalizar o dinamismo gerado.

Evidentemente, não podemos perder, mas integrar as grandes propostas e desafios da Igreja deste tempo, muitas das quais já entraram em Planos anteriores: a reconstituição da comunidade eclesial muito afetada pela crise da pandemia, as atitudes determinantes do acolhimento e da hospitalidade, a sinodalidade como o grande desafio da Igreja neste terceiro milênio, o projeto de fazer desta uma Diocese mais ministerial e a esperança, a grande temática que nos vai ser proposta no contexto do já anunciado jubileu do ano 2025. Que a voracidade do tempo não nos leve a esquecer estes âmbitos e a situar-nos apenas num que, isolado dos outros, não

exprimiria o sentir da Igreja.

Irmãs e irmãos diocesanos do Porto: como um dia pregou o Papa Francisco, a alegria é o autêntico “respiro do cristão”. É dom do Espírito, inerente à fé, sempre em tensão entre a memória da salvação e a esperança. A alegria é a consolação do Espírito Paráclito, é o soltar as amarras da alma e da Igreja para a longa navegação em alto-mar. Porventura, difícil. Mas sempre entusiasmante.

Que o nosso Bom Deus deposite o dom da alegria no coração de cada um e em toda a nossa Diocese do Porto.

O vosso irmão,

+ *Manuel, Bispo do Porto*

ISRAEL-PALESTINA: ALGUMAS CHAVES DE LEITURA?

Pode-se fazer um paralelo entre o que foram o PNV e a ETA, por um lado, no que diz respeito ao problema basco e o que são a AUTORIDADE NACIONAL PALESTINIANA e o HAMAS, por outro, no que diz respeito ao drama palestino.

“Muitos virão do Oriente e do Ocidente e sentar-se-ão à mesa com Abraão, Isaac e Jacob” (Mt 8,11). Pois bem, o Leste de Israel era justamente a atual FAIXA DE GAZA, terra dos chamados “filisteus” (pelistim em hebraico).

Já se sabe que a primeira vítima em todas as guerras é a verdade e a informação. Porque algumas pessoas mentem tanto quanto outras. Independentemente dos dados atuais, há dois pontos que podem nos orientar na abordagem desse drama.

1. - Do ponto de vista pedagógico creio que se pode fazer um paralelo entre o que foram o PNV e a ETA, por um lado, no que diz respeito ao problema basco e o que são a Autoridade Nacional Palestiniana e o Hamas, por outro, no que diz respeito ao drama: palestino. Com isto quero dizer que o *Hamas não representa os palestinianos, tal como a ETA não representou os bascos* (não importa quão bascos e até pró-independência alguns deles possam ser). Ambos representam apenas uma pequena parte do seu povo.

Este é o único ponto de comparação. Mas ajuda-nos a compreender melhor a reação de Israel. Pensemos em como teríamos reagido se, depois de um daqueles ataques bárbaros da ETA - em Madrid, no quartel de Saragoça ou no Hipercor de Barcelo-

na -, o governo de Madrid tivesse começado a bombardear Euskadi e tivesse dito: saiam em 24 horas para todos os habitantes do País Basco porque, fazendo uso do nosso inegável direito de nos defendermos, vamos invadi-lo amanhã.

Acredito que isto também sublinha que a razão última da reação cruel de Netanyahu à atrocidade do Hamas não é a defesa de Israel (isto é o que foi anteriormente chamado de “um título vermelho”). Netanyahu reage brutalmente *em defesa de si mesmo*: da sua autoestima ferida e para se proteger do ridículo internacional que cometeu, permitindo ao Hamas preparar o seu crime, sem saber de nada e acreditando que, daquele lado, não houve ameaças.

É o facto de que isso poderia ter sido feito, e não o facto de ter sido feito, que faz o governo israelita parecer ridículo. Um artigo no *Le Monde*, do antigo embaixador israelita em Paris, descreve a ação do Hamas como “*humilhante*”: o *resultado de “uma política imbecil*”. E aquele que é *humilhante* dói mais do que

aquele que é imoral e bárbaro. O senhor Terradellas já disse que, em política, o ridículo é mais prejudicial que a imoralidade.

De qualquer forma: os humanos têm idade suficiente para saber de que matéria somos feitos. E se não, lembremo-nos do Freud judeu tentando ler motivos ocultos em nosso subconsciente; Recordemos também aquele profeta Jeremias, tachado no seu tempo de “anti-semita” e hoje glória do judaísmo: “não há nada mais complicado ou mais doente do que o coração humano” (17,9). Tenha cuidado então: porque fingindo defender Israel, pode causar grandes danos a Israel.

E todos os grandes povos do mundo também fazem penitência e propõem emenda, anulando o seu direito de veto no Conselho de Segurança das Nações Unidas e garantindo que a ONU seja uma verdadeira autoridade mundial, que pode intervir eficazmente em casos como este, em vez de se limitar a dar conselhos ineficazes, não importa quão boa seja sua secretária. Ou será que somos a “aldeia global” apenas para que o dinheiro possa circular, mas não para que a paz e a justiça possam circular?

2.- Quer acredite ou não nele como enviado de Deus, o judeu Jesus de Nazaré, tão grande e tão chato, tem um significado histórico inegável: depois de Jesus, Israel não é mais o único povo com direitos naquela área. O que os crentes judeus cha-

mavam de “a promessa” é cumprido em Jesus no sentido de que é universalizado (não no sentido de que alcançamos um paraíso). E entre as palavras mais revolucionárias e mais irritantes daquele Jesus está que “muitos virão do Oriente e do Ocidente e se sentarão à mesa com Abraão, Isaque e Jacó” (Mt 8, 11). E é curioso que seja precisamente Mateus, o evangelista judeu, quem dê mais ênfase a estas palavras de Jesus que Lucas menciona apenas de passagem.

Pois bem, o *Leste de Israel era justamente a atual Faixa de Gaza*, terra dos chamados “filisteus” (*pelestim* em hebraico), tantas vezes massacrados pelos judeus, segundo a Bíblia, e cuja terra se chamava *Peleset* em hebraico. É daí que vem o nome latino *Palaestina*, conhecido desde o século II.

Alguém argumentou, a favor de Netanyahu, que a Palestina como Estado nunca existiu. É verdade, mas os filisteus sempre existiram. E depois do judeu Jesus eles têm tanto direito a um estado (e a sentar-se à mesa com Abraão, Isaac Jacob) como Israel tem. E se ignorarmos Jesus, eles o têm a partir da visão da Modernidade que quer ser democrática e universalista. E tanto Netanyahu como Biden têm que escolher entre os valores da modernidade ou os critérios daquele velho rei Saul (que a Bíblia deixa muito mal), esperando que lhe tragam “duzentos prepúcios de filisteus” (1Sam 18, 26 -27) ...

José Ignacio González Faus. Teólogo.

(20.10.2023) https://www.religiondigital.org/miradas_cristianas/Israel-Palestina-clave-lectura_7_2607409250.html

São Marcos

SÃO MARCOS, Evangelista, óleo de Bronzino (1527.), tundo do teto da capela Capponi da igreja de Santa Felícia ou Santa Felicidade, Florença, Itália.



Os restos mortais do evangelista que escreveu o mais antigo dos quatro evangelhos estão na

Basílica de São Marcos em Veneza, para onde foram levados a partir de Alexandria (já na altura dominada pelos muçulmanos) num contentor coberto de carne de porco (pelo menos, assim reza a lenda). Mas em Florença está outro São Marcos: o retrato imaginário pintado por Bronzino (na imagem), que será igualmente para nós um itinerário de peregrinação dentro de breves semanas.

O SÃO MARCOS DE BRONZINO parece uma pessoa real. Mas quem foi MARCOS?

O próprio texto do Evangelho não nos dá qualquer informação sobre o seu autor (será de dar crédito aos que pensam ver no jovem nu em 14:51-52 uma “assinatura” encriptada, à maneira de Alfred Hitchcock?). De acordo com a História Eclesiástica (3.39.14) de Eusébio, escrita no século IV mas que se apoia em fontes mais antigas, Marcos foi companheiro e tradutor-intérprete (hermêneutês) de Pedro. Marcos, segundo esta tradição da

igreja primitiva, terá registado tudo o que Pedro lhe contou sobre Jesus com exatidão (akribôs), ainda que não ordenadamente (ou méntoi táxei).

Escusado será dizer que esta informação de Eusébio tem sido continuamente posta em causa desde o século XIX. E hoje também parece improvável, à maior parte dos estudiosos, que o evangelista possa ser identificado com o João Marcos referido como companheiro de Paulo nos Actos dos Apóstolos (12:12-17; 15:37-39).

Por outro lado, a primeira carta atribuída a Pedro no Novo Testamento alude à presença, em Roma (metaforicamente referida como “Babilónia”), de um tal Marcos como companheiro do autor da carta (1 Pedro 5:13).

Que esta carta, atendendo à beleza e a perfeição do seu grego, tenha sido escrita por Pedro, pescador da Galileia, é algo que legitimamente podemos pôr em causa; contudo, a presença em Roma de alguém chamado Marcos, ligado a um círculo de primeiros cristãos, é plausível e merece ser levada a sério (independentemente da questão de quem escreveu a carta atribuída a Pedro).

Aceitando que este Marcos é o próprio evangelista, há vários elementos que, no interior do seu texto, corroboram um conhecimento da realidade romana, começando pelos latinismos que “maculam” a pureza do seu grego (e do grego de Mateus e Lucas, quando estes copiam Marcos) em diversas passagens deste Evangelho.

Repare-se, por exemplo, nas seguintes palavras latinas que aparecem simplesmente transliteradas para grego:

modius (4:21), *legio* (5:9), *speculator* (6:27), *quadrans* (12:42) e *centurio* (15:39).

Paralelamente, algum conhecimento da realidade romana tem de ser pressuposto no facto de Marcos (10:20) colocar na boca de Jesus palavras sobre o divórcio que admitem a possibilidade de a mulher se divorciar do marido: a realidade judaica, que o Jesus histórico conheceu, previa apenas que o marido se divorciasse da mulher. Parece perfeitamente verosímil, pois, que o Evangelho de Marcos tenha sido escrito em Roma, conforme reza a tradição.

Quando terá sido escrito este Evangelho? Acreditar no relato tradicional de que Marcos escreveu sob influência de Pedro implica, para alguns, aceitar que o texto foi escrito antes da destruição de Jerusalém, que ocorreu no ano 70 da nossa era: pois Pedro terá sido martirizado no reinado de Nero, imperador que morreu em 68.

O problema, contudo, reside na dificuldade de aceitarmos que quem escreveu o Capítulo 13 do Evangelho de Marcos o fez sem conhecimento da destruição de Jerusalém ordenada por Tito no ano 70. Assim, os estudiosos que colocam considerações de natureza histórica-objectiva acima de outras de índole eclesiástica tendem a aceitar que, à semelhança dos outros três Evangelhos canónicos, o Evangelho de Marcos foi escrito depois do ano 70.

Apesar de seguido por Lucas e Mateus, há elementos em Marcos que estão

ausentes dos textos dos outros evangelistas. Para a frase bombástica de Jesus em 2:27 (*“o sábado foi feito para o homem e não o homem para o sábado”*) não encontramos paralelo exacto em Mateus, Lucas ou João.

Nem os outros Evangelhos nos mostram Jesus visto como um louco pela sua própria família (4:24-25). Apesar de não mencionar nem o nascimento de Jesus nem a virgindade de Maria, o Evangelho de Marcos é o único texto do NT em que Jesus é referido por meio da expressão *“filho de Maria”* (6:3).

Para quem acredite que foi Pedro a instruir Marcos sobre todas as informações atinentes à vida e morte de Jesus, causa estranheza o facto de ser este o único Evangelho que não menciona o nome do sumo sacerdote.

Por outro lado, só Marcos regista que Jesus era ele próprio carpinteiro (6:3).

Atendendo à importância dos samaritanos nos outros Evangelhos – quer como povo detestado pelos judeus, quer como povo a que pertencem inesquecíveis personagens como o Bom Samaritano de Lucas ou a Samaritana com quem Jesus conversa no Evangelho de João – surpreende que, em todo o Evangelho de Marcos, não haja uma única referência a este povo. Talvez na Roma onde escreveu este evangelista de nome latino (Marcus), que mostra várias vezes desconhecer a geografia da Galileia e da Judeia, o chauvinismo anti-samaritano de Israel não fizesse muito sentido...

FREDERICO LOURENÇO. Escritor, tradutor e professor universitário português. É grande especialista de línguas e literaturas clássicas, em particular de grego clássico.